

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

A Libra e o padrão das revoluções

Historia progressa da libra — As suas birras
e as dos politicos — As oscillações da moeda
aliada — Dos conselheiros aos revolucionarios
— A lua e a libra.

Emquanto a libra eleva o seu preço os revolucionarios elevam as suas aspirações. Quando a dama de cavalinho estava a 4500, corria suavemente a vida nas mansas deliberações do senhor Fontes e a idea do ouro, difficil de trocar, apoquentava tanto os seus possuidores que se chegava a detestar a libra tanto como á Inglaterra. Sem alteração de maior foi vivendo o país e a cotação da brilhante moeda da nossa aliada. O mais que subia era um tostão e ainda assim por ordem dos banqueiros afim de se quebrar um pouco a monotonia do negocio. Uma libra inalteravel, firme, a 4500, era exactamente como uma estatua, de fisionomia muda e serena. Ella, porem, não tinha razões para zangas, para desequilibrios, para esporear o seu cavalo e fazê-lo saltar montes e vales nem para dar ao seu S. Jorge, ordens de acutilamento. Feliz, grave, rolando, tilintando, mantendo-se tão seria que nem parecia filha da perfida Albion — como os republicanos chamavam á sua geradora — por aqui viveu anos a fio. De repente, porem, começou a haver uma sêde de desordem; gritavam-se palavras retumbantes e homens de cabelos ao vento, empoleirados em grandes taboas, clamavam contra a paz, isto é, contra a estabilidade da libra e foram a Londres pedir licença para gerarem a guerra, isto é para poderem chicotear o cavalinho e mover a espada de S. Jorge. Assim lho consentiram e a desordem começou admiravel em seus propositos, magnifica em seus resultados. Jamais se preparou uma obra que desse tão completos frutos. O que se pedia era um clamor geral, era a desparalisação daquele ramerrão nacional, a machadada no que desdenhosamente se chamava a brandura dos nossos costu-

mes. Fez-se o golpe e a libra acompanhou-o. O conselheiro Schroeter ministro da Fazenda de João Franco, deixara-a ao par; os novos titulares da pasta, em republica, espicaçaram-na e puzeram-na a cinco mil e quinhentos. Depois ia variando, pouco a pouco, com altas e baixas, descidas e subidas, igual ás cocotes que hoje ceiam nos seus palacios luxuosos com principes e amanhã se amancebam com cocheiros.

No tempo em que se tratava de maiores liberdades, de destruir os «germens da reacção», de «restabelecer a Constituição violada», de «salvar a patria e a republica», de «esmagar os tentaculos da seita negra», a cada nova frase, a cada novo palavrão, ela cabriolava, ela saltitava, ela voava e o peor é que a vida encarecia, tornava-se dura, terrível conforme as suas fantasias, as suas danças, os seus chifarotes desenfreados na excitação dos que faziam tudo aquilo, em nome da Patria.

Quando apareceram nas esquinas uns papeis maçonicos nos quais se ordenava «vigia o inimigo» despresa o boateiro, etc., a libra chegou a vinte e cinco mil reis; e quando as sonoras palavras e conseladoras da guerra «em nome da Justiça e do Direito» resocaram, imediatamente passou para cincoenta.

Depois a cada manifestação da vitalidade da republica, a libra, como se fosse a sua inimiga, continuava a subir, a pairar, a ir para os espaços, metendo nas profundas das miserias e das dôres aqueles que da politica não viviam. Por cada nova revolução, novo salto, por cada ambição de libertamento—como êles dizem—mais um adejo que chegava por fim a alcandora-la nas alturas máximas. Sucessivamente foi-se tornando cara como uma mulher de bordel que á medida da sua fama se faz pagar melhor desde que seja inalteravel a sua beleza. E a libra é bela, é formosa, com sua côr palida ou viva, seus emblemas e o atrito da serrilha que gera um doce cocegar amoroso em nossos dedos.

Assim passou das marcas; foi até aos cem mil reis, depois aos cento e vinte. Os patriotas, num alvoroço, clamavam sempre pelas virtudes dos seus movimentos, pela grande finura de seus estadistas, pela honradez de seus processos e ela—a perfida—a fugir-lhes, a deixá-los como se preferisse os velhos e ineptos conselheiros da monarchia que a guardavam num resguardo decente—ncs 4500—não a deixando cabrear por êsses montes e vales.

Agora, no final do ano, annunciou-se uma revolução ibero-comunista. Os generos tornaram-se inacessiveis e eu, chegando á janela, desolado, sem saber como arranjar a minha vida, olhei o ceu e vi lá em cima, no ceu azul, linda e redonda, a libra: era a lua.

Meu Deus! para onde a atiraram, para o inacessivel, para a imensidade!

O desinteresse de Veniselos Costa e de Costa Veniselos

Os dois "sosias," — O idolo grego e o fetiche
portuguez — As suas razões e as dos seus
partidarios — As teimas prejudiciaes para
ambos — O seu futuro e os seguros

Por mais que queira não posso separar estas duas personalidades politicas de tão opostos países da Europa: o sr. Eleuterio Veniselos e o sr. dr. Afonso Augusto da Costa. Ambos tiveram uma preponderancia enorme nos acontecimentos das suas patrias e chamados para as regenerar parecem preferir ao supremo poder o exilio de Paris onde os peregrinos vão vê-los reverentes, a vida lhes corre sem perigos, os rendimentos não escasseam e as honrarias lhes sobram pois que são tanto um como outro chefes de partidos, idolos dos enfeitados e objectos de colera dos numerosos adversarios, proprietarios e representantes dos altos negocios da Grecia e de Portugal e grandes officiaes da Legião de Honra.

Numa semelhança fisica, tanto Eleuterio como Afonso usam pera e tem falta de vista. A barba de Eleuterio é mais branca, a de Afonso mais curta; aquele encavala oculos, este arvora lunetas. Quando o povo os chama de Atenas ou de Lisboa eles encaram se nos espelhos e lembram-se de cousas graves: um, Eleuterio já levou dois tiros, quando saía do hotel luxuoso; um patriota grego queria, com a sua morte, libertar a patria de que o idolo da demagogia vivia distante. Foi absolvido como se a França, que condecorara o homem que lhe quizera entregar o seu país amordaçado desse razão a quem vingava tal gesto que nenhum francez sabe perdoar. Por menos fusilaram Ney que era um heroe. São estes aspectos dolorosos que Veniselos (Eleuterio) fixa em sua retina olhando-se no cristal enquanto os partidarios o chamam como a um Messias. O outro, o seu émulo, do extremo da península, recorda-se os que lhe succedeu tambem num hotel; os officiaes prendendo-o, tocando da sua pessoa como na dum sujeito vulgar, o conhecimento das prisões donde o arrancou o vencedor que foi morto só depois de lhe ter dado a liberdade. Imagina-se que se continuasse a te-lo encarcerado naturalmente viveria muitos anos. E é isto que Costa (Afonso) medita quando

o seu partido lhe dá razões de monta para o vêr em Lisboa, salvando-o e á republica, berrando por sua pessoa como os pagãos por Jupiter ao verem as tempestades.

Lá em baixo, na Grecia junto dos templos dos deuses, derrocados pelas eras decorridas desde que por ali passearam suas divinas plantas, os patriotas imploram olhando as colunas floridas e belas que as balas das revoluções furaram e macularam. Chamam por Veniselos que gerou todas aquelas cicatrises do fogo nas pedras sagradas; e ele, cofiando a pera, voltando-se para o seu interesse, pensando na assemblea geral dum Banco, telegrafia em termos de quem não se lembra mesmo de ter desgraçado aquele povo: «saudo governo; não desejo cousa alguma alem felecidade patria».

Cá em baixo, nas margens do Tejo, diante dos rostos cavados de miseria, dos destroços dum povo que já não sabe o gosto do verdadeiro pão, os idolatras solicitam, de rastos, nos dramas do café da Brasileira, seu antro, a vinda do seu querido estadista, ao qual chamam «o glorioso exilado». E ele, passando os dedos pela perinha a grisalhar, deitando contas aos seus afazeres em Paris, aos encargos que lhe cometeram os seus amigos da finança, dos conselhos a dar a varios portugueses de grande acção na plutocracia afim de aumentarem os seus productos, telegrafia, tambem, em termos identicos ao do seu sosia moral esquecido que por sua causa, unicamente, chegamos a este estado. E, olvidado, julgando nunca ter feito mal ao seu país, usa das seguintes expressões: «saudo governo; não desejo cousa alguma, alem felecidade patria».

E no entanto os dois povos, o grego e o portuguez, como se fossem mulheres despresadas, continuam a chamar aqueles ingratos que só a custo desamarram de Paris, das suas galeras floridas e dos seus galeões de lastro valioso, para chegarem a Atenas ou a Lisboa a pedirem impossiveis. Os partidarios, que são os mais destemidos cidadãos, sonhando com o triunfo, que lhes dará vantagens enormes, acabam por lhes entregar tudo, por lhes dizerem que não pensarão senão por suas cabeças, e que presidentes, dictadores ou reis, eles serão os seus subditos e receberão as suas ordens com o maximo acatamento.

E eles — Veniselos (Eleuterio), Costa (Afonso) portentos aos quaes tudo se oferece, recusam, parecendo que tendo perturbado as almas receiam colher o que lhes insuflaram nas suas furias, nas suas arremetidas. Por fim serão obrigados a aceitar o mando. Dessa hora em diante, a sorte de ambos é cousa que não interessa ás companhias de seguros.

Uma granada de papel

Um panfleto estranho—O novo livro de Campos Monteiro—Os singulares vaticínios dum poeta—Caricaturas de vinco certo—Roberto e “Saude e Fraternidade.”

Acabei de ler um livro que é o maior dos panfletos do nosso tempo. Chama-se *Saude e Fraternidade*; o seu autor é o dr. Campos Monteiro, escritor de multiplas faculdades, homem duma só crença politica e que esteve a meu lado no Parlamento, como deputado monarchico. O seu livro vale um canhoneio. Não é uma severa e resmungante critica, como usam os panfletarios do meu feitio, nem tampouco uma diatribe. É antes um nucleo alegre de paginas, nas quais, apesar de seu chiste, passa uma profecia. De resto, aquilo que Campos Monteiro futura, é uma caricatura sangrenta do passado. Em Espanha dois jornalistas escreveram, de colaboração, uma obra intitulada *A Republica em 19...* Todas as personalidades em vista na politica ali perpassam com as suas intransigencias, infamias, brincadeiras e ambições, andando-se a passear no coche de Joana, a Louca, ou a arrombar os cofres do estado. Pois a obra de Campos Monteiro é bem melhor, porque os modelos de que se serviu estão vivos e a actuar. Escreveu-a num ar serio, de que ressalta um comico irresistivel; finge ser um historiador—ou antes dois, Marcial Jordão e Gil Barbeira, os seus pseudonimos celebres—que num ano adiantado, servindo-se de documentos de familia, narram o que se passou na 6.^a republica, que se proclamou em Portugal e à qual se seguiu o bolchevismo e logo a restauração monarchica. Não foge pessoa alguma à sua critica, baseada nos seus procedimentos anteriores, e, assim, enquanto os diversos deputados de hoje, a que chama por seus nomes, dão as mais naturais cabriolas, os ministros se sucedem em pinchos estranhos, as revoluções surgem com seus pensionistas, no meio de tudo isto, doce, inelavel de sorriso, comendo as suas torradas com manteiga de Coura, o conselheiro Bernardino Machado preside, preside, preside...

As figuras não precisam ser descritas, porque as suas atitudes as contornam, e, desde o sr. Sá Pereira, em seus impetos radicais, ao almirantissimo sr. Procopio de Freitas e do sr. Julio Dantas ao sr. Cunha Leal, do sr. Lino Neto ao sr. Carvalho da Silva, todos tem um vinco proprio, com todo o fundo verdadeiro da caricatura.

Os episodios sucedem-se, numa larga cópia de tragi-comedia, no

quais o autor dramático marcou a sua garra, como nos extratos dos bofetins parlamentares e na scena do restaurant onde o sr. Antonio Maria da Silva é cosinheiro, as fidalgos, criadas e a freguesia, o operariado, ao qual faz justiça quando declara que sem os adesivos — os mesmos pegajosos de sempre, os passageiros da monarquia para todas as republicas — talvez a sua obra bolchevista tivesse destino diverso do que elles lhe deram.

Por vezes passa um sopro tragico na prosa, que o autor logo apaga numa similhaça da musica ofenbaquiana, a que applica a todas as personagens, mesmo ás do partido monarchico, numa graça inimitavel. Quando se faz a incursão e Couceiro, na sua grande fé, esperanza e valentia, se lança na aventura para se bater bem com os seus soldados, os homens da politica que o seguem, privando-o dos movimentos com razões futeis, são dum singularissimo traço crítico. Calcule-se que os bolchevistas dão batalhas, fazem razias, e, no canto do improvisado ministerio do reino, o titular do pasta e um alentejano, outrora rico, discutem acaloradamente a nomeação dum regedor para uma freguezia do Alvito, com tanta atenção que são feitos prisioneiros e ficam muito admirados, pois nem tinham ouvido a artilharia.

Esplendido panfleto é este livro, no qual até se faz um vaticinio a meu respeito, o qual Campos Monteiro foi buscar à minha persistencia de hontem no combate e que avalia, marcando-a, como igual em acção, para amanhã. Sorri ao ler o trecho e lembro-me que num periodo de calada da imprensa realmente não me calei, penso que ainda hoje continuo a imaginar que sempre farei o mesmo, senão com o *ABC diario*, reproduzindo o *Espectro* de Sampaio, ao menos com estas paginas, embora reduzidas, criticando os que falhassem aos seus deveres, os que atraçassem a revolução necessaria e da qual é indispensavel afastar os adesivos.

Eis um vago reflexo do panfleto formidavel de Campos Monteiro, ante o qual o meu pobre Roberto se descobre com as lagrimas nos olhos. Não sei se é o riso que as provoca se o pavor ante os cataclismos que lhe aparecem no meio do tripudio comico de tantos politicos, que lembram palhaços cambalhoteando, à gargalhada, nas ruinas dum terramoto.

O Natal e os grandes ricos

**As antigas dadivas do Natal — Os ricos de hon-
tem e de hoje — Os corações dos argentários—
A falta de fé e a falta de caridade — O que se-
rá o dia de amanhã?**

O meu contacto com os pobres, com os mendigos mesmo, desde que fui condenado ao jornalismo, à vida mais penosa, pois é da pena que se vive, tem-me mostrado os grandes buracos negros na alma humana. São fojos. Quasi sempre os cavaram os ricos. Só depois disso compreendi a Igreja, ou antes, os seus doutores e santos que jamais acharam desculpa para os exageros das opulencias. Antigamente, porem, mitigava-se, ainda, o mal que se produzia e embora o homem do negocio, da abastança do ganho fosse feroz durante o ano um momento chegava, quasi no final desses meses de exploração, e até de crime, em que abolia a crueza e como um pirata caído num extase de poucos minutos alardeava generosidades de principe ou de jogador.

Era no Natal que o coração dos desapiedados edificadores da fortuna se comovia e se abrandava como uma cera rija ao contacto do sol vivo, forte, intenso. Os senhores do milhão aparavam um pouco as rodellas de ouro do seu dinheiro para deixarem cair umas limalhasitas nas escudelas dos humildes e os jornais, laudatoriamente, noticiavam as bondades do senhor banqueiro, do senhor capitalista, do senhor grande manager de riqueza. Então, os pobres, balbuciavam, ao menos uma vez cada ano, esses nomes de benemeritos de uns minutos com unção e agradecimento. De resto, eles devolviam em aparasinhas o que acumulavam aos blócos. Havia, ainda fóra dessa sociedade do ouro, a aristocracia cheia de piedade, de fé, de religião e de carinho e até os simples logistas se lembravam de que, enquanto nas suas Caixas se emparcelavam bons lucros, havia pobresinhos que tiritavam nos portaes. O Natal tornava todos bons como se a visão do humilde filho da plebe, tornado Deus, fizesse meditar os mais egoistas dos homens.

O conde de Burnay, creando a Vila de Santo Antonio, à Junqueira, ajudava os famintos, pagando do seu bolso as edificações e os socorros, e numa noite de Natal, já distante, convidou para ali as creanças pobres do bairro que os pequenos ricos serviam. Era vêr as cabeças formosas desses inocentes quasi unidas numa caricia. Chamavam judeu áquele millionario, crivavam-no de insultos e, todavia, o conde jamais deixou de

ser protector de desditosos. A par dele apareciam outros banqueiros, entre os quaes florescia as rosas da fortuna mas os cardos das vielas respiravam-lhes, por essa epoca de festa, os aromas da sua caridade.

As senhoras dêsse palacios, onde o dinheiro se aninhava, vinham — num pensamento caridoso e gentil — dar-se as boas festas nas colunas do *Diario Ilustrado*, a trôco de moedas que se distribuiam aos pobres e como pertenciam à maior nobreza as iniciadoras, todo o altipirismo dêsse tempo as imitava. O Natal e o final do ano eram para os desditosos, feliz, quasi regalado, e jámais uma mãosita se estendeu, nesses dias, que não pousasse nela um bom obulo, em nome de Jesus. É porque nas suas casas ricas os que davam as esmolas tinham filhos pelos quaes batalhavam ferozmente e por cujas felicidades socorriam aqueles inocentes.

Agora quasi ninguem dá cousa alguma. As festas passam-se num egoismo que parece maior ainda que o dos outros dias. Os grandes ricos parecem ignorar a existencia de cardais de dôres; por cada milhão em dinheiro que armazenam, couraçam-se de maior ferocidade. Chega-se a imaginar que, não contentes com explorar os pobres, os odeiam.

Eu sou pauperrimo, mas faço muito mais bem aos infelizes do que êsses dominadores da praça de Lisboa e Porto. Como se as suas peliças fossem couraças de ferro que os vestissem contra as sensações do amor pelos humildes e as suas galochas magnificas sapatos duros que apenas se fizessem para os calcar, êles saem das lojas de charuto na boca, empurrando, maguando, recolhem-se aos automoveis, sempre preocupados com mais dinheiro a ganhar, e, ante os balanços formidaveis dos seus capitais, apenas pensam em os colocar no estrangeiro, olhando a miseria que cresce, suplicante ainda, e que cada vez é maior, porque êles a desampararam. Alguns veem do nada e são os mais ricos.

A aristocracia está pobre; o pé fresco de hontem domina; o comerciante apenas sonha com lucros maiores e é por isso que, sem piedade, os banqueiros e os plutocratas de toda a casta deixam sem socorro os pedintes e um tendeiro canalha não se compadece diante da mãosita dum pequenito, pedindo, na sua innocencia, um bôlo que o avarento lhe recusa.

Constatee a ausencia dos grandes argentarios portuguezes na dadiva aos pobres por este Natal que passou e vi o gesto tremendo do mercieiro ganancioso. A este consegui-o corrigir, satisfazendo a criancinha e mostrando ao mercante a sua vilesa. Aqueles estão destinados para maiores trabalhos que lhes poderia dar.

Nunca se ganhou — este verbo é um manso eufemismo — tanto dinheiro em Portugal, e, todavia, nunca se chocou maior dureza no país. Quando, pelas festas, êles — os grandes senhores dos capitais — se mostram assim, que fará nas horas em que deles dependemos todos, mesmo os remediados, mesmo alguns ricos, os consumidores, os trabalhadores, os párias como os funcionarios, os escritores como os lavradores. Esqueceram, na sua ferocidade, que podem ficar pobres e depressa olvidaram, alguns, o duro pão que roeram. É como se êle se tivesse empedernido em seus ventres, tornando-se blôcos e enchendo-os. Só de dureza são feitos, só de calhaus parecem formados, só a rijeza os habita.

E no entanto essa gente tem prole: uns, filhos que seguem na vida o seu caminho, mesmo os que mais efeminados se mostram; filhas que não vendo exemplos de bondade só a praticariam se fossem santas e algumas sê-lo-hão — santas à moderna — exemplares que só os livros das

gerações futuras poderão e deverão recolher, porque a mulher portuguesa não pode ser diferente da patricia romana que estendia os braços aos humildes cristãos perseguidos, nem da grande dama russa que ia até aos antros da pobreza arrepiar-se na sua miseria, para ter a coragem de gritar bem alto a injustiça da sociedade, todavia, bem menos perversa, bem menos infame, bem menos egoísta do que esta nossa, onde o egoísmo dos grandes ricos parece desafiar a paciência dos grandes desgraçados.

Eu reparei na ausência das suas dádivas neste Natal e aqui a anoto, os meus leitores de certo a comentaram também, mas os pobresinhos é que a sentiram. Só Deus deles se lembrou, dando-lhes a doçura do sol para regalo de seus olhos e queentura de seus corpos semi-nús. Quem sabe se ainda as feras de hoje não sofrerão, com as miserias mais rudes, as coleras do céu sob os rigores duma grande invernia?

Os propositos do deputado Carvalho da Silva

O combate e os combatentes—Idéas dos “Fantoches,” e os seus seguidores — A cruzada da farinha—Ha outras cruzadas a tentar — Os monarchicos e as monarchulas

Iniciado, ha um ano, o combate à moagem, que considero como absolutamente necessario a quem quizer regenerar a nação, a semente — vejo-o desvanecidamente — tem frutificado e espero a hora da justiça que os outros tambem reclamam. Aqui levantou-se a revolta, não por odio aos moageiros, da maioria dos quais nem sei os nomes, desconheço os apelidos, tendo cortado as relações com dois ou tres, aos quais falava para, mais à vontade, combater.

Se me consola a idéa de que os radicais estão plenamente de acordo comigo nessa necessidade de eliminar os monopolios, e aquele principalmente, se ouço de todos os lados, entre o povo, os aplausos, se leio nalguns jornais — e nomeadamente na *Epoca*, no *Correio da Manhã*, *Batalha* e *Imprensa Nova* — os protestos violentos contra os processos moageirais, que deram fortunas de nababos a alguns homens, mais me encheu de alegria a idéa de que o partido monarchico organizado apoia as minhas teorias de combate, o que, de resto, já fôra expresso num artigo do *Correio da Manhã*. Não ha, pois, divergencias no assunto entre as extremas avançadas da republica e os realistas, nesse ponto. Não existem, tambem, entre os comunistas e sindicalistas — cujo clamor tem a maior veemencia — e entre os catholicos cujo orgão, dirigido por Fernando de Sousa, não poupa aqueles exploradores do povo. Tambem os nacionalistas sentem do mesmo modo, pois aplaudiram as palavras de Cunha Leal. Os moageiros, os seus representantes na imprensa e no parlamento, constituem, todavia, ainda uma falange poderosissima, que só se elimina com o inquerito às suas vertiginosas fortunas, a prisão e a entrega dos capitais extorquidos e representados em palacios, automoveis, fábricas, depósitos nos bancos estrangeiros, os quais reentrarão em Portugal se seguirmos a acção de Sebastião Mitre contra os salitreiros e que salvou a Argentina.

O partido monarchico — no seu conservantismo — vem, pois, tambem dar combate à moagem, como as falanges avançadas e como eu, realista,

intermediario entre facções, especie de franco-atirador, que jámais me cosbi de escrever a verdade. Ela aqui fica, porque estes cadernos impressos serão, mais tarde, os elementos essenciaes para explicar os acontecimentos que se vão produzir em Portugal.

O meu velho amigo, deputado monarchico, senhor Carvalho da Silva fez uma conferencia, nas Juventudes, ácerca do Pão, como se acabará pela realisação doutras ácerca de varios monopolios, pois a monarchia de amanhã ou terá o seu programa popular ou não passará dum sôpro do passado, varrido no vendaval do presente. Parece que, embora tardia-mente, os dirigentes do meu partido já compreenderam estas verdades, que fui obrigado a vir apregoar, desde ha um ano, fóra das trincheiras regulares.

Claro que o extracto dos jornais é vago ácerca das palavras do conferente; não sei se enveredou pelas minhas teorias, mas vejo que se lançou para o combate em que ando empenhado, e, mais ainda, declarou *«que a questão do pão será tratada no parlamento com desassombrada altivez por todos os deputados da minoria monarchica»*.

Não é, porém, só o pão que interessa para a vida de nós todos. Ha mais a fazer em boa sinceridade politica por mão do partido que se propõe a governar, decerto de maneira diferente da usada pelo sr. José Luciano ou pelo sr. Braancamp. A monarchia tem que usar do justo equilibrio adoptado na Italia, mercê do braço forte e do cerebro lucido dum homem do povo, mas em Portugal ela deve pender mais para a defesa de todos — absolutamente de todos — que produzem. A classe média asfixia, morre como uma condenada incapaz de se defender do camartelo do grande rico, tímida em demasia para se unir á bigorna do proletariado. E' preciso salvá-la, salvando-nos, porque é ela a unica que ainda pensa sinceramente na monarchia. Os grandes senhores do dinheiro são oportunistas; são os Panças do cheque, flatulentos pelos gazes dos negocios; o povo é anarquista ou indifferente, nas cidades; apatico ou submisso aos senhores, no campo, excepto na região alentejana.

Carecemos, pois, de olhar para a classe media e para a parte do povo que só sabe aplaudir quando lhe traduzem em generos, em habitação, em vestuario, em vida barata os atestados duma boa politica.

O deputado monarchico tem que ponderar estas verdades bem como partido que caminhar à sua volta, para não ser uma abstracção sobrepujada por uma inatingivel corôa fechada. Por isso o combate à moagem deve iniciar-se desde já, com fragor, não ficar como uma esperanza para os socios das Juventudes, e, de seguida, tambem aos outros: às especulações financeiras, às oligarquias dominantes, aos monopolios: do gaz, do tabaco, dos fosforos, senhores de poderosas companhias. Ha, tambem, o problema da habitação a resolver como um dos mais terriveis e, nesse assunto, é competentissimo o deputado que se propõe começar a investida contra os moageiros.

Congratulo-me com essa decisão, mas o que me enche, sobre todas, é a de Fernando Pisarro, meu amigo, meu correligionario, meu antagonista em processos de acção, mas que falou como se enchesse a sua alma com as doutrinas aqui proclamadas. Disse o grande impulsionador das Juventudes:

«Acabou o tempo de tolerarmos que na Moagem hajam dois ou tres directores que se dizem monarchicos e que teimando em atraioçar os seus principios façam o jogo das autoridades republicanas.»

De ha muito me colloquei nesse campo; esta pena mais de cem vezes bateu o caso. Pizarro me acaudilhou, mas uma singular illusão o devora como um cancro. É a de imaginar que essa gente tem principios. Para o moageiro a Politica é a masseira, a convicção o pão caro e a consciencia é o ventre. O moageiro suga e não distingue entre ricos e pobres; os seus aliados são os que lhe permitem essa eterna sugadeira, da qual tiram forças colossais, depois empregadas na defesa. Nas suas feses vêem subsidios para alguns jornais e dos seus escarros parte a epidemia da falta de character. Estomago insaciavel devora um povo que não pode passar sem pão, desde o mendigo ao rico. Só poupa o socio enquanto não arranja sósinho uma moagem e uma panificação.

Principios? Monarquismos?

É como julgar-se que os cães, ao entrarem nas igrejas, o fazem por devoção.

Riquissimos, convem-lhes a boa companhia realista; esperam, talvez, titulos e querem consideração. Eis os seus principios. Porém, amanhã, condenados, expulsos, após a restituição, são muito capazes de se dizerem perseguidos por suas idéas monarchicas. Por isso, comecei a combatê-los, e a gritar-lhes: Fóra... Num partido honrado de lutadores e de soldados não ha lugar para quem explora, rouba e insulta com seus palacios, automoveis e dinheiros extorquidos.

Diz Fernando Pizarro que é tempo de os expulsar. É certo. Mas, já agora, façamos a limpeza completa. Publiquemos a lista das direcções das Companhias exploradoras—porque ha algumas que se assemelham à moagem em proventos—e indiquemos os nomes dos que se dizem monarchicos, usam titulos, vão a Londres vêr Sua Magestade e, no fim, teem logar nas mesas das direcções dessas maquinas de gerar dinheiro ao lado dos republicanos. Afirma Pizarro que «quem é monarchico só pode ter entendimentos com correligionarios». Não vou até essa doutrina do Santo Officio, a não ser que acrescente: «em negocios de que venham males sociais».

No dia em que claramente o partido monarchico apontar os seus correligionarios que em Bancos, Companhias, estabelecimentos andam jungidos, na exploração, aos homens do regimen, terá feito a sua depuração de alma, e, para uma cruzada, só se pode caminhar depois de comungar.

Enfim, o que se constata é a luta formidavel que sa vai tentar. Já entrevejo os campeões que se aproximam. Dentro em poucos dias não serei necessario nesta trincheira, onde implantei uma bandeira de honra, que centenas de combatentes se apressaram a seguir. Vê-los-hei, como-vidamente, batendo-se até à conquista do ultimo reducto, e, então, tranquilamente, dizendo-lhes adeus, acabarei, com Roberto, a plantar as minhas roseiras num quintalinho bucolico, na sombra dum moinho velho. Saia, dum moinho, o simbolo do negocio honesto, que a moagem arrazou, para gerar a fome.

Bastidores da Historia Contemporanea

A espada da Rotunda

Naquela manhã, antes do almoço, subi á redacção do *Intransigente*, instalada num belo palacio, que Ludovici — o celebre arquiteto de Malra — construiu, para seu prazer, diante das ribas da Gloria. Machado Santos, apesar de ser tão cedo, já lá estava como se os acontecimentos não o deixassem socegar.

Iniciara-se na guarnição de Lisboa, com ramificações pela provincia, o que se denominava já o movimento das espadas, no qual intervinham officiaes briosos no designio de prestigiarem — julgavam elles — o exercito ofendido pela acção dos civis dominadores. Os democraticos odiavam os agaloados que não se tinham colocado ás suas ordens, na sombra do seu partido; tinham-nos como uma casta ávida de mando e de reacinarismo, palavras vergastantes feriam a dignidade do uniforme e chegara-se ao cumulo dum conhecido frequentador da *Brasileira*, com outros da sua laia, espancaram o general Jaime de Castro que de balde se defenderia sob as suas furias. Levaram-no para o governo civil, maltrataram-no apontando-o como monarchico e apesar das desculpas particulares dos ministros, os agressores continuaram praticando os seus feitos. Um novo incidente com o major Craveiro Lopes irritara mais os officiaes que não se tinham pronunciado a favor do seu general. Os militares briosos — diziam elles — entregariam as suas espadas num protesto do qual saíria, fatalmente, uma situação em que o exercito marcasse a sua hombridade porque, fatalmente, o honrado Arriaga, presidente da republica, não hesitaria entre os officiaes e os politicos da demagogia.

Havia algum tempo, o doutor Afonso Costa entrara de noite nos quartéis, e, diante das unidades formadas, estendera a mão a alguns sargentos, dizendo: Tambem são officiaes . . .

Deliberara-se, pois, tentar aquelle acto que se iniciaria por determinados militares de certa nomeada irem entregar as suas espadas ao presidente da republica. Principiariam os lanceiros acaudilhados pelo bravo Martins de Lima, um dos herois das guerras de Africa, de larga fama, impetuoso, arrojado, sacudido, soldado à Mousinho.

Aquilo marcava uma acção militar conjunta; um pronunciamento sem derramamento de sangue. Eu sabia tudo isso e tanto que, receoso de algum mau passo, quizera eliminar da combinação um official que comandava certa unidade de valor: a guarda fiscal.

Chamava-se o coronel Matos Cordeiro; era irmão dum militar illustre por sua sabedoria e compostura. Não trilhara a linha direita na existencia

porque em 27 de setembro de 1910, solicitara dum amigo os cordões de ajudante de campo do rei e em 8 de outubro descrevia ao mesmo amigo a sua acção á frente do 4 de caçadores para deter os lanceiros de Vila Viçosa e, considerando-se o mais fiel soldado da republica, não podendo já viver senão ao som da *Portuguesa*. Afim de eliminar esse elemento dubio publiquei no *Jornal da Noite*, que dirigia duma agua furtada da Rua do Gremio Lusitano, as cartas da duplicidade.

Alvaro de Mendonça, subiu essa escada ingreme, gemente e mal cheirosa e pretendeu evitar aquella publicação. Mostrei-lhe os originaes gravados, disse-lhe que o movimento, a apoiar-se em tais convicções falharia e ante a sua revelação de que, atravez de tudo, os documentos não deveriam aparecer porque tiravam um elemento valioso ao acto, continuei na minha teima e ouvi-o dizer que os lanceiros iam saír, que Martins de Lima se irritaria com aquellas cartas assim atiradas ao publico e possivelmente impediriam, por qualquer modo, o meu designio. Levei-o á janela e mostrei-lhe como os cavalos não galgariam até á minha misera agua furtada; a rir, falei-lhe da minha escada onde nem um cão da terra podia passar senão a custo quanto mais uns cavalos da revolta.

Apertei-lhe a mão com pesar de não lhe satisfazer esse desejo mas achei que cumpria o meu grande dever. O movimento não devia precisar de quem com aqueles antecedentes apparecera.

Machado Santos concordava comigo. Alma direita e leal não comprehendia aquellas defecções. Ia contar-lhe como me sentia satisfeito, pedir-lhe para apoiar a attitude dos que fossem dar aquele passo o que tiraria todo o character realista a esse ensaio duma dictadura honesta.

Os officiaes hesitavam com receio de que os julgassem a favor da monarchia e ainda os mais confessos defensores do antigo regimen, balbuciavam: «não se faz politica, não se faz politica... E' só o exercito a honrar-se»...

Machado Santos andava puxando um cavalinho de cartão sobre o qual, de chapéu armado de papel, empenachado e de bibe, se escanchava um afilhadinho do capitão de mar e guerra João Cerejo. Conduzia o garoto por diante dos azulejos do rodapé da casa vasta, conversava com ele e ao vêr-me, largou o brinquedo e exclamou:

«— Rapaz, se vens buscar o general que te falta, aqui o tens...

Que grande medo encheu essa gente toda... E ha quem se atreva a falar da saída do rei para o mar diante da revolução em que eu disparei e eles o abandonaram... Era uma creança e simpatico... Olha, a mim, chamam-me heroi mas se me matassem o pai e o irmão naturalmente nunca saíria de casa sem o pavor por companhia... E pôs-se a falar de D. Carlos, com uma critica grave e imparcial, como jamais lhe ouvira, para concluir:

— Teem medo... O movimento parou... e afastando o petizito, no seu cavallo de papelão, o capacete ornado de papel de mortallas, acrescentou: «Um pouco assim, esses senhores. Calcula que o Martins de Lima e os seus companheiros quando desciam a calçada da Ajuda para irem a Belem levar as espadas ao presidente foram detidos pelo tenente-coronel Sousa Rosa que saiu do portão de cavalaria 4 e perguntou:

— Onde vão, senhores officiaes?

Responderam qualquer tirada dramatica, mas ele pediu-lhes as espadas, prendeu-os e já estão a bordo

Não o acreditava; olhava-o num pasmo, lembrava-me das ameaça

das audacias, dos terrores que Sousa Rosa desmanchava num gesto de simplicidade, a meio da calçada da Ajuda.

— Não acredito . . . Não acredito . . .

— Também eu não queria acreditar . . .

Atirou-se para o telefone, que logo retiniu, e pediu o numero do aparelho do regimento do 4 de cavalaria; perguntou por alguém que parecia estar ali a aguardar essa chamada e, passando-me o auscultador, depois de se fazer reconhecer, gritou: Ouve . . . Ouve . . .

De lá narraram-me exactamente a mesma cousa; fui para junto dele, que agarrara o pequeno e o beijava, diante do cavalo de rodinhas.

— Tudo perdido!

— Não, se tu quizeres — exclamei numa ideia subita que me enchia de esperança.

— Olha, rapaz, sai muito cedo de casa, atravessi para a Graça, se a sentinela do 5 me tivesse feito a continencia entrava no quartel e revoltava-o . . .

— Bravuras . . . audacias que são nada para o que se deseja e que é apenas o final dessa demagogia de rua . . . Porque não vais entregar a tua espada? Sim, porque se essa gente receia que lhe chamem monarchicos desde que dê esse exemplo, os republicanos hesitantes seguem-te e os meus correligionarios actuam na tua sombra . . . Não se trata agora da monarchia.

— Nem nunca, meu poeta, nem nunca . . . exclamou de olhos accessos por detraz da luneta grossa. A's vezes discutiamos; ele acabava sempre o pedir-me que ingressasse na republica e eu nunca me atrevi — nós tinhamos o pudor de gente honrada — a falar-lhe num papel, mesmo longinquamente parecido com de Mark.

Mais uma vez trabalhou o telefone; foi apenas um numero que saiu dos labios do fundador da republica: 35.

Era uma garage, da qual costumava mandar vir os carros de que precisava. Pôs-se a passear ao longo da casa comprida e quando o vehiculo chegou, o meu amigo estendendo-me a mão, apenas disse, num assentimento:

— Tens razão . . . Vou a Belem . . .

Depois do almoço, o capitão de mar e guerra, Machado Santos, com as suas dragonas de ouro e a sua espada ao lado, foi para o palacio presidencial. O velho dr. Arriaga, ao vê-lo, estendeu-lhe os braços, ao ouvi-lo, baixou a cabeça:

— Mas Machado, mas meu amigo, que quere que eu faça da espada da Rotunda?

— Não sei, presidente; estrego-lha . . .

Pegara na espada e fã deixa-la quando o chefe do estado republicano, no seu desvariamento, tornou:

— Eu não a posso receber . . . Leve-a á maioria da armada . . . Que posso eu, meu amigo?! Nem mesmo guardar a sua espada . . .

Julgo que se pôs a aconselhar o velho honrado, que choraram ambos, que prantearam o país. Quando voltou vinha mais romantico, sonhava, como sempre, cousas que eram só dele, que só em sua alma germinavam, e ao apaar na Arcada, sob todos os olhares, ao subir as escadarias do ministerio da marinha traçara de vez, a linha do movimento.

O major general aterrou-se diante daquela arma que ele. gravemente

depunha em suas mãos; queria convence-lo a leva-la de novo, compreendendo bem o alcance do seu gesto mas Machado Santos, duma irritada maneira, que era bem sua mas durava pouco, exclamou:

— Aí lha deixo . . . E' a que fundou a republica não a podem julgar vendida . . .

Partiu e, daí a pouco, no *Intransigente*, ao contar-me estes passos que dera, queria tirar deles o resultado. Tratava-se de anunciar ao país o que fizera e como havia pressa descreveu-se aquele acontecimento, mandou-se imprimir em pequeninos papeis, que daqui a pouco corriam de mão em mão. Sabia-se como se podia, sem perigo de confusões, ir fazer a manifestação projectada, salvando assim os presos daquela manhã.

Desde que o fundador da republica aplaudia os seus camaradas do exercito e praticava aquilo que a intervenção de Sousa Rosa detivera ninguem os poderia considerar pertencentes a uma facção. Na sombra dessa figura, que no fundo não amavam, fizeram o movimento que devia levar Pimenta de Castro ao poder.

Havia um grande tilintar de espadas. Machado Santos, que tentou impelir essa marcha, foi esquecido. Não lhe deram uma pasta na dictadura e eu, afastado, ante o que representava apenas a vontade da tropa, arrependi-me de ter falado tanto nessa manhã em que o meu pobre amigo conduzia á redea um cavalinho de cartão. Mais tarde disse-lhe: Quando as espadas tilintam de mais o seu barulho não deixa trabahlar os civis . . .

Sorriu, olhou-me, e volveu:

— E sem elas o barulho dos civis ainda é peor . . .

Pobre almirante de alma de creança, não sei se pensarias o mesmo na hora negra da cilada em que te fusilaram, embora as espadas tilintassem.